



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Resenha: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

Gustavo Pinto de Sousa¹

Futuro Passado é uma das obras do historiador Reinhart Koselleck em relação aos estudos semânticos dos conceitos ao longo do tempo histórico. Nessa resenha, o objetivo principal é discorrer sobre as temáticas fundamentais problematizadas pelo autor, tais como: *a polissemia do conceito de História; a idéia de Revolução; a História dos conceitos e seu diálogo com a História Social*. O livro é um esforço do autor em seu plano ambicioso para a construção do dicionário dos conceitos – *Begriffgeschichte* - organizado por Koselleck junto com Otto Brunner e Werner Conze. O livro “*Futuro Passado*” atenta para um dos problemas centrais no ofício do historiador, isto é, a definição etimológica dos vocábulos semânticos em História. Vale destacar, que o livro busca problematizar o universo da historiografia alemã e o desenvolvimento de tais conceitos em tal ambiente. Para refletir sobre o emprego semântico dos conceitos na História, Koselleck divide a obra em três partes, subdividida em 14 capítulos. A parte I denominada “*Sobre a relação entre passado e futuro na história moderna*” encontramos um estudo de teoria da História, para compreender o entendimento que as sociedades tem em relação ao tempo histórico. Na parte II intitulada “*Sobre a teoria e o método da determinação do tempo histórico*” o autor mostra possibilidades teórico-metodológicas para trabalhar com determinadas questões, tais como: estruturas, representação, evento, temporalidade, perspectiva. E por último, na parte III “*Sobre a semântica histórica da experiência*”, na qual Reinhart Koselleck apresenta de forma sistematizada sua tese em relação à contribuição semântica dos conceitos para o tempo histórico.

Para poder compreender o escrutínio proposto pelo autor é necessário apontar a inquietação da qual Koselleck parte para analisar os problemas de definição dos vocábulos na História. Para ele, a Modernidade instaurou uma idéia diferente da relação entre Futuro e Passado, ocasionando uma temporalização da História, entre “*Historie*” e “*Geschichte*”, a qual problematizaremos adiante. Assim nas palavras do autor:

¹ Doutorando em História pelo PPGHC. Pesquisador do Laboratório de Estudos Africanos (LEÁFRICA/UFRJ) e Pesquisador Associado no Laboratório de Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais (LEDDDES/UERJ)



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

“observa-se, nesses séculos, uma temporalização da história, em cujo fim se encontra uma forma peculiar de aceleração que caracteriza nossa modernidade. Nossas indagações serão dirigidas à especificidade do assim chamado início dos tempos modernos.”²

A idéia de aceleração do tempo consiste na formulação de um futuro no qual as gerações passadas o concebem ou definem, modificando diversos conceitos históricos, principalmente a própria definição da História e o tempo histórico. A História se assume, grosso modo, como um conjunto de experiências. A História até o século XVIII tem como característica o quadro de exemplo para instruir uma sociedade e os grupos sociais. Koselleck discorre para o efeito da História como *Magistra vitae*, que aglutina a idéia do tempo histórico. Para ele:

“No espaço delimitado pelos principados europeus, com seus corpos estatais e ordens estamentais, o papel magistral da história era ao mesmo tempo garantia e sintoma de continuidade que encerrava em si, ao mesmo tempo passado e futuro.”

Notamos assim, que a História, mestra da vida, associa em si as esferas política, social e temporal. A História, como conjunto de experiências, serve para os homens do século XVIII como uma forma de ensinamento, que os torna mais “sábios” para prever e determinar as causas e acontecimentos na História. No entanto, com o advento da Modernidade, Koselleck observa a ruptura no modelo da História *Magistra vitae*, caracterizada pelas narrativas, ou seja, pertinente ao campo da *Historie*³. Assim, analisando a atmosfera alemã o autor argumenta para a renovação da definição da História – *Historie* – para a “*História em sim*” – *Geschichte*. Para ele: “A história [*Geschichte*] adquire então uma nova dimensão que escapa à narratividade dos relatos, ao mesmo tempo em que se torna impossível capturá-la nas afirmações que se fazem sobre ela.”⁴ A nova definição de História, esboçada na historiografia alemã, segundo Koselleck, abandona a exclusividade da narrativa, solapando as concepções de acúmulo de experiência dos “oráculos” da História. Nesse novo quadro de vocábulos históricos a *Geschichte* fundamenta-se da seguinte forma:

² KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.p.3

³ Para Koselleck a *Historie* privilegia o relato, a narrativa de algo acontecido, designado especialmente as ciências históricas.

⁴Reinhart Koselleck, op. cit.49



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

“Passou-se exigir da história uma maior capacidade de representação, de modo, que se mostrasse capaz de trazer à luz- em lugar das sequências cronológicas – os motivos que permaneciam ocultos, criando assim um complexo pragmático, a fim de extrair do acontecimento casual uma ordem interna.”⁵

Da pura narrativa factual a representação dos fatos históricos, a *Geschichte* configura-se para o historiador como uma exigência do reconhecimento das fontes históricas, a crítica documental, assim como o estabelecimento de uma metodologia da História capaz de lidar com os fatos ocultos e internos dos acontecimentos. Da renovação da concepção da História e Tempo, transformaram-se dois conceitos muito caros ao trabalho do historiador, isto é, a visão de *progresso e revolução*.

Até antes da modernidade, era comum a idéia de naturalização dos eventos históricos. O tempo seguia grosso modo um desencadeamento natural, vinculado à idéia de natureza. No entanto, Koselleck argumenta que a partir da Modernidade a relação de naturalização e temporalização começa a ser questionada, quando as previsões começam a não se concluir. Dos intercursos entre prognóstico e diagnóstico em relação às previsões históricas, o autor identifica a formulação de uma teoria do progresso. Para ele, o progresso influencia a adoção de uma nova dinâmica de tempo. Nas palavras do autor:

“Assim, o progresso descortina um futuro capaz de ultrapassar o espaço do tempo e da experiência tradicional, natural e prognosticável, o qual, por força de sua dinâmica, provoca por sua vez novos prognósticos, transnaturais e de longo prazo.”⁶

O progresso funda no imaginário coletivo uma via de mão-dupla, ou seja, instaura a aceleração do tempo a fim de consolidar um projeto de modernidade, ao mesmo tempo, que lança a humanidade para o desconhecido, impalpável. Para compreender a relação que o progresso instala no tempo histórico, Koselleck apresenta dois personagens históricos e sua relação com o tempo: Martinho Lutero e Robespierre. Para Lutero o tempo é uma previsão divina, que tem finitude no Juízo Final, portanto, prezando o tempo escatológico. Enquanto, Robespierre enxerga a aceleração do tempo como uma causa humana, que possibilita a introdução da felicidade e da liberdade, num

www.veredasdahistoria.com

⁵ Reinhart Koselleck, op. cit.51

⁶ Reinhart Koselleck, op. cit 36



contínuo progresso da humanidade. Assim, a relação tempo e progresso precisa ser entendida dentro de uma realidade histórica delimitada.

O conceito de Revolução segundo Koselleck “não possui um valor semântico unívoco.”⁷ Segundo o autor o conceito consiste em uma construção histórica, na qual é fundamental para o historiador levar em consideração a historicidade do conceito, ou seja, a semântica de um vocábulo diferencia-se de acordo com o ambiente histórico. Sendo assim, a história do conceito de Revolução apresenta-se de maneira diferente no tempo e no espaço. Para ele, dentro do conceito de Revolução existe um paradigma cíclico e natural em relação ao conceito de Revolução, no início da época Moderna. A revolução com um caráter *trans-histórico*, que tende ao sentido circular. Para exemplificar a teoria de Koselleck explicitamos a História da Inglaterra no século XVII, que, após intensos embates políticos entre a Monarquia e o Parlamento, retorna a instaurar a Monarquia.⁸ As revoluções em seu valor semântico até a Revolução Francesa conservam sua estrutura no retorno, no conhecido. Para Koselleck a partir da Revolução Francesa um novo modo de definição de Revolução é criado no bojo da civilização, rompendo com os quadros da circularidade e restauração. Podemos sintetizar a tese de ruptura de revolução como circular e restaurador através de cinco causas: a) a partir de 1789 a Revolução assume a idéia de um “coletivo singular”, favorecendo o caráter *meta-histórico* da revolução, ou seja, ordenar historicamente as experiências humanas de convulsão social; b) a experiência da aceleração do tempo, que aponta para os inúmeros desdobramentos da Revolução; c) as múltiplas possibilidades de revolução, seja política, cultural, econômica, social; d) perspectiva de passado no que tange, retornar ou seguir em frente; e) passagem da Revolução política para Revolução Social; f) Revolução Social, que extrapola as barreiras da Revolução Francesa.⁹

Em seu horizonte teórico-metodológico Reinhart Koselleck elabora um estudo da relação da História dos Conceitos com a História Social. Antes de problematizar a inter-relação dos conceitos com o campo social, é preciso definir noções preliminares, tais: o que a História dos Conceitos e História Social? Sinteticamente, a História dos Conceitos se preocupa com os vocábulos, os textos no longo do tempo histórico. Já a História Social está ocupada com os fatos e a dinâmica da sociedade. Analisando o

⁷ Reinhart Koselleck, op. cit 62

⁸ Ver exemplo de movimento cíclico da Revolução Gloriosa: Reinhart Koselleck, op. cit.68

⁹ Reinhart Koselleck, op. cit 69-73



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

conceito de Revolução, Koselleck argumenta a contribuição que a História dos Conceitos traz para os domínios do social. Segundo o autor:

“E só pensar na mudança de significado e função do conceito de “revolução”, que na origem apresentava uma fórmula modelar do possível retorno dos acontecimentos. Entretanto, o sentido do termo foi reformulado, passando a indicar um conceito teleológico de caráter histórico-filosófico, a par de uma segunda e nova significação como conceito de ação política, tornando-se, segundo nosso ponto de vista, o indicador de uma alteração estrutural! Neste caso, a história dos conceitos torna-se parte integrante da história social.”¹⁰

Dessa forma, Koselleck apresenta a História dos Conceitos como uma ferramenta metodológica para os historiadores, além é claro, da História dos Conceitos ser uma tendência da historiografia. A proposta do autor é mostrar que, nos interstícios dos campos historiográficos, a História dos Conceitos pode ser útil para o historiador de duas formas: a teórico-metodológica e como tendência historiográfica. Pois para ele:

“[...] a história dos conceitos não é um fim em si mesma, ainda que tenha um aparato metodológico próprio. A história dos conceitos também pode ser definida como parte metodológica autônoma da pesquisa social e histórica.”¹¹

Sobre a semântica histórica da experiência Koselleck, busca explicitar o papel da História a partir de 1780. A justificativa de tal ano na obra do autor refere-se à construção de uma História Geral, coligada com a pluralidade de acontecimentos. Essa noção histórica de 1780 é influenciada pelo quadro da filosofia de Hegel, em pensar as distintas fases do desenvolvimento do espírito humano, dentro de uma especificidade histórica. Para ele:

“Só por volta de 1780 é que se pode falar da existência de uma “história em geral”. Uma “história em si e para si”, uma “história como tal” – ou quaisquer que sejam os nomes dados às explicações destinadas a colocar o novo conceito, que se remete a si próprio, no lugar das histórias tradicionais, transmitidas no plural.”¹²

O ano de 1780 trouxe para a História um planejamento sistêmico da realidade e de construção social, a fim de elaboração da universalidade da História. Como discorre o autor, antes de 1780 se um estudioso de História fosse indagado, qual história você estuda, abrir-se-ia um leque de possibilidades – História da Prússia, da França, da

¹⁰ Reinhart Koselleck, op. cit 103

¹¹ Reinhart Koselleck, op. cit 114

¹² Reinhart Koselleck, op. cit 235



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Inglaterra. Mas a partir de fins do século XVIII, o fazer história passa a ser determinado por outra instância, isto é, o homem na História. Deste modo, o autor enfatiza que “os homens são responsáveis pelas próprias histórias em que estão envolvidos”.¹³

Chegamos, enfim, ao diálogo entre “*espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativa*”, onde Reinhart Koselleck busca apresentar o epicentro articulado de sua tese, além de refletir sobre o ofício do historiador e suas possibilidades. O autor observa em relação ao trabalho do historiador:

*“Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que deseja apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com a ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios.”*¹⁴

De antemão o autor destaca a pesquisa historiográfica e a empírica como possibilidades de trabalho do historiador. Pois o trabalho historiográfico como define Koselleck articula as variadas tendências da escrita da história, produzida num determinado período, enquanto a pesquisa empírica rascunha e esboça distintas fontes históricas, entre heurísticas e hermenêuticas. Mas Koselleck chama a atenção que nem só de fontes se constitui o trabalho do historiador. Ele destaca a necessidade de uma teoria que viabilize a execução da pesquisa. Pois não basta reunir um *corpus documental* e enumerar o desencadeamento dos fatos, isto é, a *velha Historie*. Em relação à História dos conceitos, Koselleck argumenta que tal campo da História contribui para a necessidade fulcral da teoria. Para ele:

*“A história dos conceitos mede e estuda essa diferença ou convergência entre os conceitos antigos e as atuais categorias do conhecimento. Nesse sentido, a história dos conceitos, por mais específicos que possam ser seus próprios métodos, e apesar de sua riqueza empírica, é uma espécie de propedêutica para uma teoria científica da história – ela leva à teoria da história.”*¹⁵

Segundo Koselleck a história dos conceitos serve como uma preocupação introdutória – propedêutica – para a construção de uma teoria da História, preocupada em problematizar e definir a historicidade dos conceitos. Pois vale a pena lembrar que todo conceito é construído historicamente, ou grosso modo, o conceito é datado. Para o

¹³ Reinhart Koselleck, op. cit 245

¹⁴ Reinhart Koselleck, op. cit 305

¹⁵ Reinhart Koselleck, op. cit 306



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

autor, portanto, os espaços de experiência e expectativa elucidam a proposta que Reinhart Koselleck busca empreender nas páginas do livro. Para o autor, passado e futuro não coincidem de forma homogênea. A experiência é um todo moldurado, na medida em que as causas já são passadas, enquanto a expectativa se constrói com base em infinitas medidas temporais, que não podem ser decifradas com base nas experiências. Conforme afirma o autor, o futuro passado é que a presença do passado é diferente da presença do futuro. Sintetizando, as expectativas podem ser revistas, sem o problema da escatologia e da inviabilidade dos processos humanos, já as experiências são recolhidas, apreendidas, não como “modelos”, pois caso afirmativo, seria o retorno da “*História magistra vitae*”. A experiência apresenta-se assim como uma forma de “história vivida”¹⁶. Apresentamos enfim, a tese central de Reinhart Koselleck para entender o processo dinâmico da História no tempo histórico. Segundo ele:

*“[...] experiência e expectativa são duas categorias adequadas para nos ocuparmos com o tempo histórico, pois elas entrelaçam passado e futuro. São adequadas também para se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.”*¹⁷

Experiência e expectativa constituem os quadros dinâmicos da história, numa relação de sincronia e diacronia. Indo além, do binômio prognóstico e diagnóstico do tempo histórico. Identificadas as formas de “*experiência e expectativa*” é possível compreender a funcionalidade dos conceitos a fim de um estudo semântico em prol da elaboração dos vários vocábulos na História. Pois escreve Koselleck:

*“A História só poderá reconhecer o que está em contínua mudança e o que é novo se souber qual é a fonte onde as estruturas duradouras se ocultam. Também estas precisam ser buscadas e investigadas, se quisermos que as experiências históricas sejam traduzidas para uma ciência da história.”*¹⁸

Futuro Passado é uma obra de fôlego no campo epistemológico, que instiga o leitor a pensar o papel dos conceitos na história, assim como proposições e questões fundamentais, tais como: a teoria da História e a construção dos objetos; tempo, temporalidade e cronologias; a função política da história, a questão didática; e a relação dos conceitos com a História. Para a leitura da obra é fundamental, como afirmamos nas

¹⁶ Grifos meus

¹⁷ Reinhart Koselleck, op. cit 308

¹⁸ Reinhart Koselleck, op. cit 327



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

páginas iniciais da resenha, o conhecimento da historiografia alemã. Koselleck parte do intenso debate com os autores germânicos – Burckhardt, Alsted, Droysen, Hauréau, Chladenius, entre outros – para estudar as transformações do decurso histórico.. Portanto, encontramos em Futuro Passado uma obra relacionada à construção semântica dos conceitos na História, que busca problematizar a polissemia dos conceitos em História, pois como registramos na epígrafe o *Begriffgeschichte* serve para evitar o anacronismo e compreender o significado dos vocábulos históricos.



www.veredasdahistoria.com